

# Fórum volta a debater o país

25 NOV 1991

JORNAL DO BRASIL

● *Empresários, economistas e políticos querem achar saídas para crise*

*Economia Brasil*

Sérgio Costa

Como evitar que os anos 90 sejam uma nova década perdida, como aconteceu com os anos 80, quando o país literalmente parou de crescer e mergulhou em problemas como a disparada das taxas de inflação. É com este objetivo que economistas, empresários e políticos estarão reunidos entre segunda e quinta-feira, no BNDES, na quarta versão do Fórum Nacional, que a partir de 1988, em encontros anuais, passou a aprofundar as discussões sobre os problemas econômicos do país.

"O problema do Brasil não é só evitar a deterioração da inflação e da economia. Já chegou o momento de as lideranças procurarem, em conjunto, definir caminhos de saída para esse círculo vicioso em que estamos afundados", afirma o ex-ministro do Planejamento (governo Geisel), João Paulo dos Reis Velloso, idealizador do Fórum. Para ele, independente de haver ou não um entendimento nacional, é preciso que se estabeleça um mecanismo de negociação permanente, formando a agenda de problemas básicos a serem resolvidos — e, assim, evitando a repetição de outra década perdida.

O Fórum deste ano tem duas inovações. Primeiro, a realização de painéis baseados em estudos especiais, que até o final da última semana estavam sendo concluídos pelos seus autores. Segundo, painéis de nível institucional, com parlamentares. "Antes, a condução da política econômica ficava só a cargo do executivo; hoje, também existe a participação do Congresso. Precisamos discutir como o Congresso pode desempenhar bem essa co-gestão", destaca Reis Velloso.

**Reforma fiscal** — No primeiro painel, que vai abordar as pré-condições para a retomada do desenvolvimento (combate à inflação e recuperação financeira e estrutural do Estado), por exemplo, haverá a exposição de um estudo do ex-ministro Mário Henrique



*Reis Velloso: ações sociais devem dirigir-se aos pobres*

Simonsen: *Bases para uma proposta de reforma fiscal no Brasil*. E ainda uma proposta de bases para uma política de estabilização, que será feita pelo ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore.

"Nossa idéia de reforma fiscal é possivelmente mais ampla do que se tem sugerido", explica Reis Velloso. A proposta, no que diz respeito à receita, por exemplo, não se concentra apenas em questões como o Imposto de Renda, mas sim em repensar o próprio sistema

tributário. Por exemplo, avaliando a relação entre a tributação e a competitividade das empresas. Ai é tratar de distorções como a tributação sobre as exportações. E mais: a questão da carga fiscal excessiva sobre os trabalhadores de baixa renda, com o encarecimento de produtos básicos via taxaço pelo ICMS, por exemplo.

**Comércio mundial** — Outro estudo especial será apresentado pelo economista Luciano Coutinho, no painel *A nova ordem internacional: tendên-*

Arquivo

*cias e processos*. "O Brasil precisa saber o que vai pelo mundo. Com a globalização crescente, é necessária a tradição de análise para se definir oportunidades e riscos. Mas, principalmente, para saber como tirar proveito da nova ordem mundial, no relacionamento com os blocos norte-americano, europeu e asiático", explica Reis Velloso.

O ex-secretário-executivo da Comissão de Política Aduaneira (CPA), José Tavares de Araújo, vai expor outro estudo especial, no painel *Oportunidades estratégicas da indústria brasileira nos anos 90*. É o debate sobre quais os caminhos deve tomar o setor industrial do país, a partir do momento em que mão-de-obra barata e recursos naturais deixaram de ser trunfos na disputa pelos mercados, perdendo em importância para fatores como educação e tecnologia.

**Competição** — O ex-ministro do Planejamento resume a situação atual da indústria no país. Um grupo ainda exibe vantagens competitivas, como celulose, petroquímica e siderurgia. Outro teve essas mesmas vantagens desgastadas, como têxtil, calçados e bens de capital, mas elas podem ser recuperadas. E um terceiro grupo, o que aconteceu, mesmo, foi uma estratégia errada, e nem com um quadro de derrota da inflação e retomada de crescimento havia solução. Reis Velloso cita informática e equipamentos de telecomunicações. "Não criamos empresas capitalizadas, trabalhando em economias de escala", argumenta.

Um quarto painel em cima de estudos especiais vai tratar da estratégia social. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), vai dar a concepção geral dessa estratégia. Reis Velloso adianta que a proposta é de uma política social que dê mais atenção aos pobres. A opinião do ex-ministro é de que deveria se definir uma faixa de pobreza, que teria a preferência das ações sociais. "Para mim, seria a faixa de renda familiar entre cinco e seis salários mínimos", explica.